



CADERNO DIDÁTICO PEDAGÓGICO PARA PROFESSORAS(ES)

**UTILIZAÇÃO DA LITERATURA NEGRA FEMININA NA PERSPECTIVA DA
LEI 10.639/2003 PARA ATIVIDADE EM SALA DE AULA ENSINO
FUNDAMENTAL II**

LUZIA BATISTA DOS SANTOS

PORTO SEGURO-BA

2020

LUZIA BATISTA DOS SANTOS

CADERNO DIDÁTICO PEDAGÓGICO PARA PROFESSORAS(ES)

Produto de Mestrado Profissional apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria do Carmo Rebouças

Porto Seguro-BA

Mestrado profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais

2020

SUMÁRIO

CARTAS AS(OS) PROFESSORAS(ES).....	4
POR QUE TRABALHAR COM A LITERATURA NEGRA FEMININA EM SALA DE AULA?.....	7
ORIENTAÇÕES INICIAIS:.....	10
CONTOS	
1. Olhos d`águas (Conceição Evaristo).....	11
2. _Ana Davenga (Conceição Evaristo).....	14
3. Tapete voador (Cristiane Sobral).....	23
4. Alice esta morta (Mirian Alves).....	27
PLANO DE AULA PARA TABALHAR COM CONTOS	30
SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE PRECONCEITO RACIAL	31
DESVELANDO O TERMO “PIXAIM” EM SALA DE AULA	31
Anexo: Conto Pixaim (Cristiane Sobral)	38
PROJETO PARA A SEMANA DA LEITURA: Literatura negra Feminina, Escrevivência e Re(existência)	42
Poesias de autoras negras.....	51
1. Vozes Mulheres (Conceição Evaristo).....	51
2. Criar asas (Miriam Alves).....	52
3. Sina(Lívia Natália).....	53
4. Pixaim Eletrico (Cristiane Sobral).....	54
Modelo de plano de aula para trabalhar com poesias.....	55
Sugestões de filmes, documentários e curta metragem.....	56
Curiosidades sobre algumas escritoras negras.....	57
Referência bibliográfica.....	63

Carta as(os) professoras(es)

Prezadas(os) professoras(es), o nosso compromisso em sala de aula é reafirmado com ações que favoreçam oportunidades àquelas que mais precisam, os nossos alunos. O presente caderno pedagógico tem como objetivo auxiliar didático e pedagogicamente, nós, professoras e professores, a ministrar aulas sobre a Literatura Negra, de forma interativa, estimulante e acima de tudo, aulas que mostrem escritas de mulheres negras trazendo como protagonistas a própria mulher negra, diferentemente dos livros didáticos, nos quais, as(os) negras(os) aparecem em situação humilhante e escravizada

O presente material didático originou-se a partir de uma pesquisa aplicada no campo educacional vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Municipal de Porto Seguro. Essa proposta pedagógica visa à inserção da Literatura Negra Feminina nas aulas de Leitura e Produção de Texto em turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, através do diálogo com as alunas e os alunos dessa modalidade de ensino e textos literários de autoras negras.

Nesse caderno, iremos encontrar recursos pedagógicos e sugestões de aulas que abordam o povo negro na inteireza de sua história e cultura, de uma forma que as alunas e os alunos dificilmente viram. Os contos, as poesias, os textos reflexivos, as sugestões de filmes, serão o apoio que nós professoras necessitamos para elaboráramos aulas que despertem nas alunas e nos alunos o orgulho de ser negra e/ou negro e não vejam essas aulas como mera obrigação em datas específicas ou comemorativas. Esse caderno trará sugestões de planos de aula e modalidades textuais, para facilitar o trabalho planejado. E quando isso acontece, vem logo a sensação de dever cumprido e uma grande satisfação em fazer algo bem feito. Enfrentamos em nosso dia a dia muitas dificuldades para trabalhar determinados temas em sala de aula, e muitas vezes, essa dificuldade está relacionada com a falta de material didático pedagógico direcionado às nossas necessidades docentes. Dentre a exigência que nos foi incumbida que

é a aplicação da Lei 10639/2003, que torna obrigatório a todos os estabelecimentos de ensino Fundamental e Médio, públicos e particulares, a inserção no currículo, do Ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira. Esse caderno é fruto do trabalho das oficinas “Escrevivências no chão da escola”, aplicadas para professoras de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, as quais tiveram como um dos objetivos a inserção da Literatura Negra Feminina nas aulas de Língua Portuguesa.

Nós professoras poderemos dispor de todo esse material impresso, que ficarão a cargo do projeto, na biblioteca escolar. Esse caderno será um dos recursos para que nós possamos ministrar excelentes aulas, acerca da temática Literatura Negra Feminina de forma espontânea e cotidiana, para juntas, superarmos o preconceito de cor, começando pela sala de aula, a fim de tornar melhor as relações étnico-raciais nesse país de miscigenados. Portanto, esse caderno trará textos de autoras negras, que por diversos fatores foram e ainda, por vezes, são marginalizadas e invisibilizadas no campo literário. Por isso, torna-se importante dar visibilidade a essa escrita e com isso trazê-la para sala de aula, mostrando suas contribuições para a construção de um novo e empoderado discurso sobre a mulher negra; o que representa um diferencial para o discurso literário e abala o cânone, uma vez que promove a construção de um novo olhar, uma representação diferenciada sobre a mulher negra, dando ênfase às suas formas de luta e resistência frente a sistemas socioculturais excludentes.

Para tanto, traremos essa escrita feminina para nossas aulas, a fim de discutir e pensar em uma literatura que trabalhe com a autonomia do sujeito mulher negra, com o desafio a sistemas de poder dominantes e invisibilizadores e que dê ênfase à mulher e às questões étnico-raciais a partir do olhar da própria pessoa negra, uma vez que esta por muito tempo ficou relegada ao esquecimento ou retratada de forma estereotipada por outras vozes, outros discursos pautados por um viés masculino e eurocêntrico. Apresentar essas escritoras, é reforçar que o lugar da mulher negra é amplo. Dessa forma, esperamos mostrar como é relevante a

literatura feminina negra, pois nos leva a refletir e combater os mecanismos de opressão, subalternização contra a mulher, especialmente a negra, e o preconceito racial, de gênero e seus efeitos, que ainda cotidianamente podem ser vistos e sentidos em diversos espaços socioculturais.

As atividades propostas neste caderno buscam romper com os paradigmas convencionais de aula, na medida em que a proposta das oficinas permite que as alunas e os alunos participem ativamente da construção de conhecimentos, uma vez que segue uma lógica que leva a(o) aluna(o) pensar, agir e interpretar.

Nosso objetivo é demonstrar como pode ser instigante e divertido transformar opiniões comuns e temas da vida diária em objeto de estudo e de conhecimento mais aprofundado. Partimos da realização de oficinas pedagógicas para propor a investigação de conceitos e problemas solucionáveis em sala de aula, por meio de leituras, atividades de registros, exibição de filmes, leitura de imagens que exercitem o pensamento e proporcionem usar a imaginação das(os) estudantes.

Portanto, vamos aproveitar essa oportunidade, criar, inovar, usar e abusar da proposta de realização de aulas por meio de oficinas pedagógicas trazida neste caderno que é destinado a nós professoras(es) de Língua Portuguesa e demais componentes curriculares afins. Desejamos a todas e todos, boas aulas e sucesso nessa nova forma de sensibilizar as(os) nossas(os) alunas(os) por um mundo onde as pessoas não serão julgadas pela cor de sua pele.

POR QUE TRABALHAR COM A LITERATURA NEGRA FEMININA EM SALA DE AULA?

A Literatura Negra Feminina é uma ferramenta essencial no enriquecimento ideológico e na desconstrução do preconceito racial. Trabalhar com essa literatura em sala de aula possibilita o resgate da identidade da(o) aluna(o) negra(o), além disso, discute a importância do professor como mediador na discussão da Literatura negra. Versa ainda sobre o comprometimento deles em buscar conhecimento sobre a cultura das(os) negras(os), para que assim tenham repertório suficiente em problematizar essa literatura em diferentes contextos.

Falar sobre Literatura Negra é também falar sobre a condição social da(o) negra(o) dentro da sociedade brasileira. Pode-se traçar um paralelo entre a forma como a negra e o negro eram mostrados na literatura brasileira desde seus primórdios e a maneira como essa figuração foi se transformando, na medida em que os movimentos pela igualdade étnica e social foram se fortalecendo, e a(o) negra(o) pôde assumir a narração de sua própria história.

O surgimento da Literatura Negra brasileira trouxe questões presentes na formação das(os) escritora(es) e leitoras(es) negras(os) como a incorporação da cultura africana e suas origens, aspectos importantes para a história e a cultura nacional. A partir do século XX a Literatura Negra brasileira ganha força com os movimentos negros existentes no país, mas a ideologia exclusivamente branca continua a sobrepular as mentes que comandam a nação nas diversas áreas de poder, oprimindo assim essa literatura que denuncia e grita contra o racismo e discriminação.

A representação dos modelos da escrita, definidos desde os séculos passados, caracterizaram principalmente escritores que atendiam a um padrão constituído de homens brancos e burgueses. No estudo das desigualdades raciais, sociais e de gênero, enfrenta-se um duplo desafio, necessário para a leitura do espaço socioeconômico que a mulher negra ocupa na construção histórica do Brasil e no processo de conquista de sua

emancipação identitária, pois incide sobre ela uma espécie de dupla discriminação: pertencer à raça negra e ao gênero feminino. Quando representadas por esses escritores, são, majoritariamente, exploradas em temas como sedução, beleza e resistência física, pois as qualidades que são apresentadas sempre estão ligadas ao corpo da mulher, e não aos seus pensamentos ou reais desejos. Inovando o jeito de contar a própria história, pretas rompem com estigmas de silenciamento, promovendo excelente ferramenta de reivindicação, pela necessidade de autoras socialmente marginalizadas, dialogarem com o mundo por meio de poesias, livros e arte.

Como afirma Conceição Evaristo, em “Da representação à autoapresentação da mulher negra na Literatura Brasileira”, a representação literária da mulher negra é ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou como corpo-objeto de prazer. Admiráveis escritoras e precursoras dessa literatura, como Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, revelam o quão importante é a soma de esforços para a inclusão das negras, marcadas pela sociedade preconceituosa, masculina e opressora, através da análise de seus escritos e o estudo das heranças escravocratas, que as condenam e marcam. Esses esforços se somam não só na sociedade brasileira, como em outras regiões do mundo onde a diáspora africana se faz presente. A realidade apresenta-se na sub-representação do negro na Academia, e com mulheres negras constituindo uma minoria em suas produções intelectuais.

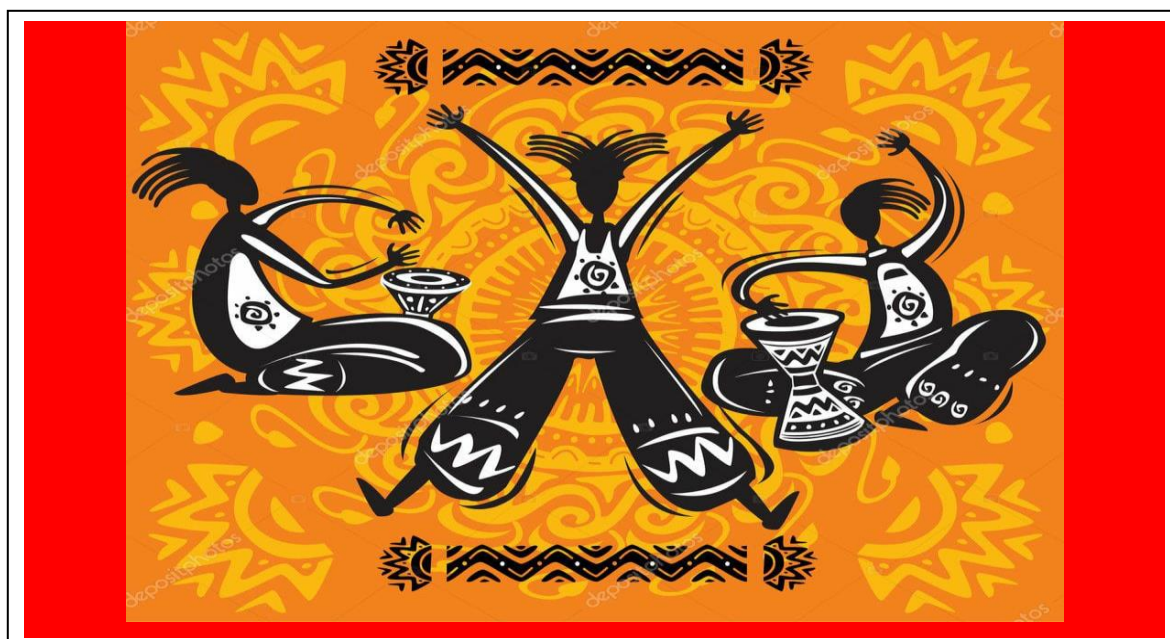
Ao analisar a situação de invisibilidade de escritoras negras na literatura, percebe-se uma negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso, exercendo funções de significação e representação nos contextos literários brasileiros, onde, principalmente em produções anteriores, fica clara a necessidade de inferiorização e dependência imposta às mulheres no contexto social. Assim, adicionalmente à problemática racial como eco da escravidão, conclui-se que as desigualdades de gênero conferem às mulheres, menos oportunidades políticas, educacionais e socioeconômicas de acessarem mecanismos que promovam um desenvolvimento social igualitário. As vozes pretas,

subalternizadas em seus tempos, carregam os ecos da escravidão em seus caminhos e escritas.

A Literatura negra no Brasil tem uma forte marca, tanto em relação aos autores, que por muitas vezes não ganham o devido reconhecimento, o que acarreta em uma “literatura marginal”, quanto na falta de divulgação das obras, que dificilmente chegam ao grande público. A literatura é de grande influência na vida acadêmica e pessoal do indivíduo negro e afeta diretamente na sua formação, sendo assim, se faz necessária uma análise de como ela pode beneficiar todo o processo que envolve o crescimento de uma criança negra. É com base nessa visão, que esse caderno pedagógico foi escrito, pensando no desenvolvimento da personalidade e formação identitária da criança negra, atrelada ao estudo de sua essência e ancestralidade dentro da literatura dos livros didáticos e paradidáticos.

Sob todo esse olhar de importância para a(o)aluna(o) negra(o) é que se encaixa o trabalho com essa literatura, colocando em prática uma visão norteadora da realização de projetos que auxiliam desde a formação de profissionais da educação até às ações do contexto social onde a(o) aluna(o) negra(o) se insere, trazendo paralelamente a isso, a certeza de que a construção da identidade dessa(e) aluna(o) se dilui também entre seus familiares, pais, amigas(os) e todos aqueles inseridos no seu meio.

É de extrema importância que nós professoras(es) abordemos a Literatura Negra Feminina em nossas práticas pedagógicas, além de provocar o prazer e o hábito da leitura, a literatura torna-se uma importante ferramenta na formação dos indivíduos, uma vez que desperta a reflexão, o senso crítico e a conscientização dos educandos a respeito da diversidade étnico-racial, afim de um bom convívio social. Estudar Literatura Negra é, portanto estudar textos que relatam a vida e o cotidiano da(o) negra(o), a sua luta e influencia na construção histórica e cultural da nação.



ORIENTAÇÕES INICIAIS

As atividades propostas neste Caderno foram pensadas dentro da metodologia de Círculos de leitura proposta por Rildo Cosson (2014b), a fim de que as obras literárias selecionadas fossem lidas de forma solidária, a partir do compartilhamento entre os leitores/alunos, formando comunidades de leitores. Desta maneira, os Círculos de leitura despontam com importante estratégia de Letramento literário. Em termos gerais, a proposta metodológica que rege as bases deste material didático encontra fundamento na seguinte estrutura elaborada por Cosson (2014b) e adaptada para fins específicos.

CONTOS:

Olhos d'água

(Conceição Evaristo)

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite, se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupas alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamen-to-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

Referência: Evaristo, Conceição. Olhos d'água- 1. Ed- Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

Ana Davenga

(Conceição Evaristo)

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres, ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana, foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. Ana

Davenga reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas dizia de algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não denunciava desgraça alguma. Se era assim, onde andava o seu, já que os das outras estavam ali? Por onde andava o seu homem? Por que Davenga não estava ali?

Davenga não estava ali. Os homens rodearam Ana com cuidado, e as mulheres também. Era preciso cuidado. Davenga era bom. Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo. Todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo.

O barraco de Davenga era uma espécie de quartel-general, e ele era o chefe. Ali se decidia tudo. No princípio, os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança. O homem morava sozinho. Ali armava e confabulava com os outros todas as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam. E quando o desejo aflorava ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles. O desejo abaixava então, esvanecendo, diluindo a possibilidade de ereção do prazer. E Ana passou a ser quase uma irmã que povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delitos e dos crimes de Davenga.

O peito de Ana Davenga doía de temor. Todos estavam ali, menos o dela. Os homens rodeavam Ana. E as mulheres, como se estivessem formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. Ana olhou todos e não percebeu tristeza alguma.

O que seria aquilo? Estariam guardando uma dor profunda e apenas mascarando o sofrimento para que ela não sofresse? Seria alguma brincadeira de Davenga? Ele estaria escondido por ali? Não! Davenga não era homem de tais modos! Ele até brincava; porém, só com os companheiros. Assim mesmo de uma brincadeira bruta. Socos, pontapés, safanões, tapas, “seus filhos da puta”... Mais parecia briga. Onde estava Davenga? Teria se metido em alguma confusão? Sim, seu homem só tinha tamanho. No mais era criança em tudo. Fazia coisas que ela nem gostava de pensar. Às vezes, ficava dias e dias, meses até, foragido, e quando ela menos esperava dava com ele dentro de casa. Pois é, Davenga parecia ter mesmo o poder de se tornar invisível. Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuzinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga! Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada. Depois, então, os dois, ainda de corpos nus, ficavam ali. Ela enxugando as lágrimas dele. Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor! Um dia pensou em se negar para não ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava. Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozo-pranto de seu homem.

Todos continuavam parados olhando Ana Davenga. Ela recordou que uns tempos atrás nenhum deles era amigo. Eram inimigos, quase. Eles detestavam Ana. Ela não os amava nem os odiava. Ela não sabia onde eles estavam na vida de Davenga. E, quando percebeu, viu que não poderia ter por eles indiferença. Teria de amá-los ou odiá-los. Optou por amá-los, então. Foi difícil. Eles não a queriam. Não era do agrado de nenhum deles aquela mulher dentro do quartel-general do chefe, sabendo de todos os segredos. Achavam que Davenga iria se dar mal e comprometer todo o grupo. Mas Davenga estava mesmo apaixonado pela mulher.

Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela. Naqueles dias, ele andava com temor no peito. Era preciso cuidado. Os homens estavam atrás dele. Tinha havido um assalto a um banco e o caixa descrevera alguém parecido com ele. A polícia já tinha subido o morro e entrado em seu barraco várias vezes. O pior é que ele não estava metido naquela merda. Seria burro de assaltar um banco ali mesmo no bairro, tão perto dele? Fazia os seus serviços mais longe, e além do mais não gostava de assaltos a bancos. Já até participara de alguns, mas achava o servicinho sem graça. Não dava tempo de ver as feições das vítimas. O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os mandachugas se cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia. Foi a maior comédia. Ficou na ronda perto da casa do homem. Quando ele chegou e saltou do carro, Davenga se aproximou.

— Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como o senhor defendendo a gente, os pobres. — Era mentira. — Doutor, eu votei no senhor. — Era mentira também. — E não me arrependi. Veio visitar a família? Eu também tou indo ver a minha e quero levar uns presentinhos. Quero chegar bem-vestido, como o senhor.

O homem não deu trabalho algum. Pressentiu a arma que Davenga nem tinha sacado ainda. E, quando isto aconteceu, o próprio deputado já tinha adiantado o serviço entregando tudo. Davenga olhou a rua. Tudo ermo, tudo escuro. Madrugada e frio. Mandou que o homem abrisse o carro e pediu as chaves. O deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio, contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele tirasse a roupa e foi recolhendo tudo.

— Não, doutor, a cueca não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença ou se tá com o cu sujo! Quando arrecadou tudo,

empurrou o homem para dentro do carro. Olhou para ele e balançou as chaves. Deu um adeus ao deputado, que correspondeu ao gesto. Davenga tinha o peito explodindo em gargalhadas, mas conteve o riso. Apertou o passo, tinha de abreviar. Eram três e quinze da madrugada. Daí a pouco, passaria por ali uma patrulhinha. Dias atrás ele havia estudado o ambiente.

Foi por aqueles dias do assalto ao deputado que Davenga conheceu Ana. A venda do relógio lhe havia rendido algum dinheiro, fora o que estava na carteira. E de cabeça leve resolveu ir com os amigos para o samba. Sabia, porém, que devia ficar atento. Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana. Só quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras para o banheiro. Davenga assistia a tudo. Na volta ela passou por ele, olhou-o e deu-lhe um largo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e convidou-a para uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água e deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. Daquelas mulheres todas que ele não via fazia muitos anos, desde que começara a varar o mundo. Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele, ser dele na vida dele. Mas como? Ele queria uma mulher, uma só. Estava cansado de não ter pouso certo. E a mulher que lhe lembrava a bailarina nua havia mexido com ele, com alguma coisa lá dentro dele. Ela lhe trouxera saudade de um tempo paz, um tempo criança, um tempo Minas. Ia tentar, ia tentar... Ana, a bailarina de suas lembranças, bebeu água enquanto Davenga enamorado tomava a cerveja, sem sentir o gosto do líquido. Quando terminou, pegou na mão da mulher e saiu. Os amigos de Davenga viram quando ele, descuidado de qualquer perigo, atravessou o terreiro da roda de samba e caminhou feito namorado puxando a mulher pela mão, ganhando o espaço lá fora, quase esquecido do perigo.

Desde aquele dia, Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens voltariam. Davenga às vezes falava do regresso, às vezes, não. Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. E naquela noite primeira, no barraco de Davenga, depois de tudo, quando calmos e ele já de olhos enxutos, — ele havia chorado copiosamente no gozo-pranto — puderam conversar, Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome.

Davenga gostara de Ana desde o primeiro momento até o sempre. Dera seu nome para Ana e se dera também. Fora com ela que descobrira e começara a pensar no porquê de sua vida. Fora com ela que começara a pensar nas outras mulheres que tivera antes. E uma lhe trazia um gosto de remorso. Ele havia mandado matar Maria Agonia.

Conhecera a mulher ao visitar um companheiro na cadeia. O amigo armara uma e não se dera bem. A prisão devia ser horrível. Só em pensar tinha medo e desespero. Se um dia caísse preso e não conseguisse fugir, se mataria. E foi nessa única visita ao amigo que conheceu Maria Agonia. Ela vivia dizendo da agonia de uma vida sem o olhar do Senhor. Naquele dia, quando saíram da cadeia, ela veio conversando com Davenga. Era bonita, usava uma roupa abaixo do joelho, o cabelo amarrado para trás. Uma voz calma acompanhada de gestos tranquilos. Davenga estava gostando de ouvir as palavras de Maria Agonia.

Marcaram um encontro para o domingo seguinte na praça. Quando ele chegou, o pastor falava, e Maria Agonia estava com a Bíblia aberta na mão. Davenga observava os modos contritos da mulher. Ela, ao

levantar os olhos e perceber o olhar dele, piedosamente abaixou a cabeça e voltou ao livro. Ele saiu e se encaminhou para o botequim em frente. Ao acabar a pregação, ela saiu do meio dos outros, passou por ele e fez um sinal. Ele foi atrás. Assim que todos se dispersaram, ela falou do desejo de estar com ele.

Queria ir para algum lugar, sozinhos. Foram e se amaram muito. Ele chorou como sempre. Esses encontros aconteceram muitas e muitas vezes. Primeiro a praça, a pregação, a crença. Depois tudo no silêncio, na moita, tudo escondidinho.

Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? Mandou que a mulher se vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. Estava precisando do prazer que ele, só ele, era capaz de dar. Saíram juntos do motel; a certa altura, como sempre, ele desceu do carro e caminhou sozinho. Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete aparecia nos jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus”.

Por mais que Ana Davenga se esforçasse, não conseguia atinar com o porquê da ausência de seu homem. Todos estavam ali. Isso significava que, onde quer que Davenga estivesse naquele momento, ele estava só. E não era comum, em tempos de guerra como aqueles, eles andarem sozinhos. Davenga devia estar em perigo, em maus lençóis. As histórias e os feitos de Davenga vieram quentes e vivos em sua mente. Dentre eles, um em que havia uma semelhante sua, morta. Nem no dia em que Davenga, de cabeça baixa, lhe contara o crime, ela tivera medo do homem. Buscou as feições de suas semelhantes, ali presentes. Encontrou calma. Seria porque os homens delas estavam ali? Não, não era. A ausência

de um deles significava sempre perigo para todos. Por que estavam tão calmas, tão alheias assim?

Novas batidas ecoaram na porta e já eram prenúncios de samba. Era samba mesmo. Ana Davenga quis romper o círculo em volta dela e se encaminhar para abrir a porta. Os homens fecharam a roda mais ainda e as mulheres em volta deles começaram a balançar o corpo. Cadê Davenga, cadê Davenga, meu Deus? O que seria aquilo? Era uma festa! Distinguiu vozes pequenas e havia as crianças. Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe ou às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiriam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. E o filho dela e de Davenga? Cadê Davenga, meu Deus?

Davenga entra furando o círculo. Alegre, zambeiro, cabeça-sonho, nuvens. Abraça a mulher. No abraço, além do corpo de Davenga, ela sentiu a pressão da arma.

— Davenga, Davenga, que festa é esta? Por que isto tudo?

— Mulher, tá pancada? Parece que bebe? Esqueceu da vida? Esqueceu de você?

Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário.

O barraco de Ana Davenga, como o seu coração, guardava gente e felicidades. Alguns se encostaram pelo pouco espaço do terreiro. Outros se amontoaram nos barracos vizinhos, por onde rolavam a cachaça, a cerveja e o mais e mais. Quando a madrugada afirmou, Davenga mandou que todos se retirassem, recomendando aos companheiros que ficassem alertas.

Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento. Davenga estava ali na cama vestido com aquela pele negra, brilhante, lisa que Deus lhe dera. Ela também, nua. Era tão bom ficar se tocando primeiro. Depois haveria o choro de Davenga, tão doloroso, tão profundo, que ela ficava adiando o gozo-pranto. Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda.

Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino?

De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros.

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem, na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria.

Referência: Evaristo, Conceição. Olhos d`água- 1. Ed- Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

O Tapete voador

Cristiane Sobral

Todo mundo tem na vida pelo menos um momento de virada. Todos têm a oportunidade de se reinventar a partir de um momento de crise. No caso da Bárbara, aconteceu quando foi convocada pelo Presidente da empresa, após alguns dias com a suspeita de que receberia uma promoção. Estava trabalhando bem, conseguindo resultados, era estimada por todos, tudo caminhava para o êxito.

Empolgada, fizera, havia uns quinze dias, uma carta ao Presidente com um pedido de apoio para começar um curso de pós-graduação. Era o dia da audiência. Enquanto aguardava na sala de espera do gabinete, observava os móveis, a decoração, tudo um tanto antiquado, em sua opinião, mas de boa qualidade. Sua reflexão foi interrompida pela chegada da secretária do Presidente, que perguntou se preferia chá ou café. Ao saborear o chá escolhido, pensou sobre a incrível experiência de, nessa altura da vida, ser servida por alguém. Justo ela, filha de empregada doméstica e porteiro, criada para trabalhar, e trabalhar pesado, e que hoje tinha o orgulho de ter um ofício importante como uma das funcionárias mais requisitadas da assessoria de comunicação.

Divagações, enquanto aguardava confortavelmente sentada, a flertar com a imagem no espelho da mesa de centro.

Vaidosa, experimentava ao máximo as possibilidades do seu cabelo afro, com presilhas, turbantes, prendedores, faixas, tudo que pudesse enaltecer a sua identidade. Nesse dia, especialmente, fizera um penteado trançado com desenhos adornando a cabeça, como uma delicada moldura. Foi interrompida pelo som dos saltos histéricos da secretária, cuja imagem invadiu suas retinas, com a urgência das secretárias dos grandes escritórios:

— Boa tarde, senhorita Bárbara, queira me acompanhar. O Presidente vai recebê-la daqui a instantes.

Entrar no gabinete do Presidente era vislumbrar um território estranho, um tanto surrealista onde o visível e o invisível estavam em diálogo. No centro da sala havia uma mesa enorme, repleta de papéis, jornais do dia, revistas, muitos cartões de visita, embalagens de presentes ainda fechadas e canetas finas. Lá estava uma caixa de charutos. Uma pasta de despachos, no centro da mesa, guardava demandas a transbordar em formato de papéis diversos. O Presidente era um homem muito ocupado. Bárbara sentou na cadeira indicada pela secretária, num local onde cada um devia saber o seu lugar. Ansiosa para conhecer o assunto da audiência, agitava as mãos, contornando a aliança de compromisso que usava. Distraída, perdeu a entrada rápida do Presidente. Levantou bruscamente. Não estava sonhando... Estava surpresa! Nunca havia visto fotos do Presidente, que só falava por seu assessor, e não costumava comparecer aos eventos, por motivos de agenda. Bárbara estava atônita. O Presidente era negro! Fazia questão de ser invisível, intocável...



Com gestos precisos, estendeu a mão negra, ágil, pela beirada da manga do terno branco, impecável, muito bem cortado, para um rápido cumprimento de boas-vindas:

— Obrigado por ter atendido ao meu convite. Prometo ser breve, seu tempo deve ser tão precioso quanto o meu. Acredito no seu potencial, você é sem dúvida um dos talentos de nossa empresa. Em primeiro lugar peço que o assunto aqui tratado fique entre nós. Como admiro a sua dedicação e profissionalismo, vou tecer alguns comentários fundamentais para a sua ascensão profissional. Em primeiro lugar, alguns esclarecimentos: considere que você tem um excelente emprego, muitos

gostariam de ocupar o seu lugar.

— O Presidente fez uma pausa para diminuir a temperatura do ar-condicionado, o que fez com que a sala reproduzisse uma atmosfera totalmente europeia.

— Eu aprendi a duras penas o que é preciso para crescer aqui. Creio que devo alertá-la. Sobre a sua carta...Eu entendo o seu desejo de querer estudar. Você já chegou longe, considerando a maioria negra desse país, deve se orgulhar! Veja o caso das mulheres negras, então! Bárbara estava ficando confusa. Onde aquela conversa iria parar?

— Há outras questões que você deve aperfeiçoar. O seu marketing pessoal, por exemplo. Já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro. Seu cabelo é péssimo. Costumo viajar para o exterior e poderei trazer ótimos cosméticos, sem nenhum incômodo. Entenda esse gesto como um investimento nos recursos humanos. A cor não precisa ser um fardo para os mais desenvolvidos. Claro! Vou fazer a minha parte, mas você tem que prometer não deixar a sua negritude tão evidente. A sua pele não é tão escura, poderá ser facilmente trabalhada... Você só precisa de alguns esclarecimentos...



— O Presidente acendeu um charuto. Fumou em silêncio. Fez uma pausa dramática.

— Desculpe. Com o passar do tempo estou tendo alguns brancos, cada vez mais frequentes... São instantes de paz... A moça estava imóvel.

— Você precisa saber jogar conforme as regras. Para que insistir em ser negra num país racista? Quanto menos declarar a sua negritude, melhor. Veja o caso de alguns negros bem sucedidos. A sociedade

deu uma oportunidade de crescimento e eles retribuíram, casando com mulheres brancas para um futuro melhor, sem defeitos de cor... Fiquei sabendo que você tem um namorado negro. Um atraso! Vai levar você para um mundo degradado! Eu também já fui negro um dia. Numa fase dolorosa, que procuro esquecer. Pago um ótimo psiquiatra alemão, que tem reformulado a minha autoimagem. Tenho dinheiro suficiente para estar acima de qualquer suspeita. Sou a prova de que o racismo não existe, quem olha para mim hoje, nunca vai dizer que sou negro, é um detalhe biológico. Entendeu o meu ponto de vista? Não sou negro, ninguém é negro nesse país, somos todos iguais, vivemos o mito da democracia racial.

O telefone tocou. Era a secretária. Ele disse que aguardasse dez minutos, já estava no fim. Bárbara estava sem ação. Não conseguia controlar as lágrimas a escorrer pelo rosto aflito. O presidente ofereceu um lenço, irresistivelmente branco. Ela recusou. Deixou que as lágrimas trouxessem alguns escurecimentos à tona e limpassem as imagens terroristas a embaçar a sua visão. Ela estava lívida, quase branca, após aquela sessão de afro-pessimismo, com as pernas trêmulas, quase sem chão, prestes a desmoronar em suas convicções. Levantou decidida, a flutuar em suas certezas.

— Senhor Presidente, eu sou negra ao acordar, ao dormir, no amor, no trabalho. Sou apaixonada por um homem negro, sonho com filhos negros. Jamais poderei deixar de ser quem sou. Não posso corresponder à sua expectativa. Eu me demito. Bárbara saiu sem olhar para trás para não se tornar uma estátua de sal. Teve que aprender a caminhar, a forjar o seu destino. Teve que aprender a voar, como voam as águias e os beija-flores, a esmagar os problemas debaixo dos pés. Seu corpo ressuscitou a força e a memória dos seus ancestrais guerreiros, muito antes do ultraje da escravidão. Tudo ficou muito óbvio a partir de então. Os dias não foram fáceis, mas todas as conquistas exalavam merecimento. Foi conquistando oportunidades, desbravando trilhas de afirmação da sua identidade e alteridade, sempre resistindo às tentações

enganosas do embranquecimento. Quando o Presidente puxou o tapete, Barbara aprendeu a voar.

Referência: Cristiane Sobral - O Tapete Voador - Texto publicado nos Cadernos Negros 34, Ed. Quilombo hoje. São Paulo. 1ª Ed. 2011.

Alice está morta

Mirian Alves

Descia a ladeira. Alice, nos meus braços, resmungava. Parecia bebê de tão leve, comparada ao meu tamanho. Já havia carregado em outras oportunidades, mas, nesta madrugada, ela estava leve. Dava-me a impressão de que iria evaporar a qualquer momento. Dizia frases desconexas, incompreensíveis, entrecortadas com o refrão: outra vez não. “Outra vez não”. Disco arranhado. “Outra vez não. Outra vez não”.

A minha paciência com Alice era imensa. Não morria de amores por ela, porém não podia viver sem a sua companhia. Morávamos no mesmo quintal de cômodos. Ela, invariavelmente, precisava da minha ajuda para carregá-la. Não era inválida, mas tomava grandes porres de esperanças que a deixavam aturdida quando a bebedeira passava. Era engraçado vê-la cambaleante sem rumo, andando de lá pra cá, no espaço comum do quintal.

Observava-a antes de oferecer minha ajuda. Cambaleante, ela fumava grandes cigarros de crença, que deixavam um cheiro esquisito e nauseabundo em tudo. Andava de lá pra cá no espaço comum do quintal. Eu espreitava. Era ritual de dependência. As vezes ela escorregava. No chão, exalava um odor estranho, misturadas de esperanças pisadas e crenças desmentidas. Nesse instante, era minha hora de entrar em ação. Pegava-a com carinho. Ninava-a como se fosse uma boneca negra de pano. Abria a porta de seu quarto e cozinha solitários, banhava-a com todo o carinho e a colocava por entre as cobertas. Aguardava-a adormecer e retirava-me em silêncio. Um ritual de dependência que se repetia.

Um dia, para economizar aluguel, Alice e eu fomos morar no mesmo cômodo. Situação esquisita, eu, desquitado há alguns anos, com mulher e filho espalhados neste mundo de Deus, tratava-a como amiga. Precisava de alguém para derrubar o afeto e carência contidos. Alice era o meu par perfeito. Não exigia nada. No mesmo espaço, dividíamos a vida monótona.

Eu observava Alice, Alice me observava. Raramente dormíamos juntos numas de fazer sexo. Éramos corteses um com o outro. Precisávamos daquela dependência rotineira. De vez em quando, surgia uma outra face de Alice. Então, ela se embriagava de esperança, fumando estranhos cigarros de crença. Dopava-se. Passado o efeito inebriante, aflagava-me. Eu a acarinhava e acabávamos num sexo atlético de fazer inveja aos vídeos de motel. Fazíamos as loucuras que o sentido ordenava. Dia seguinte, monotonia. Parecia nada ter acontecido. Eu saía para trabalhar também. E só.

Crescia entre nós algo sem nome, mas tinha cara de ciúmes. E, noutras oportunidades, tinha caras de medo. Rotina cotidiana, nada mudava. Somente aquele odor de esperança pisadas, misto de crenças desmentidas, impregnava os tijolos da casa, os meus e os seus poros. Lágrimas saíam das torneiras e faziam nascer fungos vermelhos na pia da cozinha e do banheiro. No começo, os fungos me irritavam. Depois, achei serem eles os responsáveis pela exacerbação do odor. Não os removi porque precisava culpar alguém ou alguma coisa. Quanto mais odor, mais e mais o vermelho tomava conta, quarto, cozinha... Tudo.

Raramente saíamos. Para quebrar a rotina, aceitamos um convite para festa. Queríamos sair, arejar. Alice cantou no chuveiro. Eu caprichei na barba e na de após. Eram amigos comuns, festejando aniversário. Fomos. Sorrimos. Dançamos. O olhar de Alice, lá pelas tantas, renunciou aquela rotina muito familiar para mim. Ela arregalou decididamente a órbita, abriu desmedidamente a boca. Cambaleou. Adiantei-me para apanhá-la. Não queria vexames em público.

Segurei-a primeiro nos braços. Ela se desvencilhou com um safanão. Irritei-me. Prenunciava um escândalo. Falei-lhe com docilidade e firmeza.

Olhou-me com olhos vazios. Queria voltar para casa. Ofereceu-me os braços. Peguei-a no colo. Alice, nos meus braços, resmungava. Estava leve como um bebê. Olhei seu rosto. Unia-se a seu semblante o negror enluzado da noite. Resmungava desconexa. Queria estranhos cigarros, agarrar-se às esperanças enfumaçadas. Parecia querer flutuar, virar fumaça.

Descíamos a ladeira rumo a nosso abrigo. As luzes de néon enfileiradas, penduradas nos postes, testemunhas daquele cortejo: Alice e eu. Ela resmungava e choramingava. Queria vida. Será que ela sabia o que isto significava? Madrugada de asfalto vazio. Os resmungos levados aos céus ressoavam no nada. Eu a carregava.

Pensava em nós.

Convivência sem grandes encantados. Eu e ela na casa de cômodos, escorando-nos. Meus filhos soltos neste mundo sem notícias. Trabalho. Noite. Dia. Sexo. Um pouco de choro. Odiei Alice. Culpei-a. Realidade insuportável. Eu olhava a rua deserta. Vagavam absurdos nos meus pensamentos. Alice flutuava em meus braços. De repente, entendi: eu amava Alice. Eu a amava. Monótono e cotidiano. Amava-a. Estávamos sempre por perto. Forcei as lembranças. Revivi o jeito gracioso como ela tirava os seus anéis. Ritual constante antes que nossos corpos se entregassem ao prazer. Tirava-os um a um. Depositava-os na cabeceira da cama. Graciosidade única. Amei-a ao perceber este gesto. Quando o langor nos dominava, eu esperava este ato: que, certa ocasião, sem tocá-la, pedi que os tirasse e os colocasse muitas vezes. Ela, cansada, sem entusiasmo, começou a rir. Rir, os dentes claros iluminando a suavidade de seu rosto redondo. Riu. Riu. Gozei sem tocá-la.

Agora ela esta Lee, como um bebê. Não usava os anéis adorados. Odiei-a por isto. Descia a ladeira com Alice resmungando nos meus braços. A madrugada vazia clareava. Já perto de casa, lembrei-me da ribanceira usada como lixão e desova de presunto de polícia. aproximei-me da borda do barranco. Fiquei deslumbrado, observando. Alice se mexeu. Olhei cada um dos dejetos atirados no fundo da ribanceira. Que lixão! Alice

resmungou, choramingou. Queria esperanças. As esperanças nossas, há muito deveriam esta soterradas sob aquele monturo de lixo. Eu não tinha o que lhe dar.

Começou a arrumar-me. Exigia suas alegrias de volta. Arranhou-me o rosto na altura da barba recém escanhoadada. Doeu. Doeu mais não ater o que ela pedia. Não havia nem pra mim. O poço estava seco. Tinha apenas para continuar acordando, dormindo, trabalhando, tomando cerveja no dia do pagamento. Resisti à uma lágrima. O ódio brotou. Nossas esperanças soterradas sob o monturo de dejetos urbanos. Olhei a madrugada. O dia se anunciava. Alice gritava. Solucei com ela. Eu a ergui ao céu. Depois, para o fim da rua, a ofereci a Exu, a sacudi para a direita e para a esquerda do meu corpo. Saudei Omulu. Entre soluções, atirei-a ribanceira abaixo. Era segunda-feira. Ela se calou.

Referência: AZEVICHE, Olhos de: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira contos e crônicas/ Ana Paula Lisboa...[et al]- Rio de Janeiro: Malé, 2017.

PLANO DE AULA PARA TABALHAR COM CONTOS

CONTEÚDO: Contos

OBJETIVO GERAL:

Valorizar a Cultura afro-brasileira

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Estimular a capacidade criativa e enriquecer a imaginação;
- ✓ Explorar a linguagem oral e escrita, por meio da produção de histórias;
- ✓ Valorizar a diversidade cultural;
- ✓ Possibilitar ampliação do repertório artístico-visual dos/as alunos/as;
- ✓ Confeccionar um mural sobre o tema.

RECURSOS NECESSÁRIOS:

Aula teórica: Data show, computador, e arquivos, livro Olhos d'água da autora Conceição Evaristo.

METODOLOGIA

Aula teórica: Apresentação do livro e da autora, leitura coletiva complementada com. Após a leitura será feita a discussão com os alunos sobre o conto lido. O professor deverá intervir trazendo informações sobre as obras da autora e explicar por que a autora escreve utilizando mulheres negras em suas narrativas.

ATIVIDADE PROPOSTA:

Solicitar que os alunos produzam um caderno de contos a partir da suas Escrevivências.

AVALIAÇÃO

Durante a aula será avaliado o envolvimento, a curiosidade, a participação e o aprendizado dos alunos dos alunos.

Obs: Os contos podem ser encontrados da internet.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE PRECONCEITO RACIAL

DESVELANDO O TERMO “PIXAIM” EM SALA DE AULA

Embasamo-nos nos estudos de Rildo Consson (2011) como modelo de sequência didática, visto que o gênero textual abordado é limitado. Temos por objetivo desvelar o termo “pixaim” em sala de aula, bem como nortearmos este trabalho a partir da perspectiva de que a literatura tem um papel de grande complexidade, sobretudo a sua função humanizadora, sendo uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; uma forma de expressão, e, forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente” (CANDIDO, 2011, P.179). Assim, o texto literário não só sensibiliza, mas também tem caráter pedagógico.

Para se chegar ao conto “Pixaim”, da autora Cristiane Sobral, as(os) alunas(os) terão contato com outros gêneros textuais que são de suma importância para a sua compreensão e produção, mas que nesta sequência serão utilizados somente sob a primeira perspectiva: a da compreensão. Tendo como objetivos norteadores desta sequência um passo de desconstrução do preconceito racial imerso na sociedade brasileira, sendo a sala de aula um local privilegiado para a manutenção de estereótipos ou para o desvelo das problemáticas sociais, a fim de formar um senso crítico mais aguçado em nossas(os) alunas(os).

Desse modo, afirmamos ser um passo de descontração, pois não se pode acreditar de forma idealizada que somente esta sequência seja suficiente para sanar problemáticas sociais, nesse caso: o racismo; mas que a educação é feita por profissionais conscientes do papel de educador e instigados pelo desejo de real mudança, fazem o chamado “trabalho de formiguinha” e colhem frutos disso. Levar as(os) alunas(os) a refletirem sobre o termo “pixaim”, tão utilizado para qualificar o cabelo crespo como ruim, é trazer o desvelo do que está por trás do uso pejorativo dessa palavra. Quais as questões históricas, sociais e culturais envolvem a manutenção desse preconceito? É preciso sensibilizar a turma através dos diversos gêneros textuais, nesse caso utilizamos o conto, a fim de despertar uma postura crítica e uma aceitação da identidade racial das(os) alunas(os). Por fim, enfatizamos o papel da escola na desconstrução do preconceito.

Tratar da diversidade cultural brasileira num contexto geográfico, visando, portanto, reconhecer, valorizar e superar a discriminação aqui existente, é ter uma atuação sobre um dos mecanismos estruturais da exclusão social, componente básico para caminhar na direção de uma sociedade mais democrática, na qual os afro-descendentes se sintam e sejam brasileiros. (MUNANGA, 2005, p. 177).

NÚMEROS DE AULAS: 08 aulas de 50 minutos

MOTIVAÇÃO

AULA 1

Coletar imagens de mulheres negras.

Solicitar aos (as) alunos(as) que colem imagens de mulheres negras em jornais, revistas, sites, livros, etc. Eles (as) deverão levar as imagens para sala de aula em vista de discutir quais mulheres têm seus cabelos em estado natural e quais aderiram ao processo químico de alisamento, conhecido como “chapinha”. Sendo assim, observa o quantitativo desses dados, se há mais mulheres no primeiro ou no segundo estado.

MATERIAIS

Tesoura, cola, cartolina, papel A4, data show e computador.

OBJETIVOS:

- Fazer com que as(os) alunas(os) observem a representatividade negra nas diversas mídias;
- Levá-los a perceber a valorização ou a depreciação do cabelo crespo, considerado como ruim/pixaim;
- Proporcionar uma discussão acerca dos valores sociais, sobretudo o conceito de belo.

AULA 2

Exposição de um vídeo da youtuber Ana lúcia Lopes, em que ela discursa a respeito do conceito pejorativo atribuído aos cabelos crespos e/ou encaracolados. O vídeo tem 5min. e 16 seg. por esse motivo, sobrarão tempo para provocar nos(as) alunos(as) a argumentação através da compreensão do que foi passado. Desse modo, promova um debate e instigue-os(as) a se colocarem em face dos outros para motivá-los(as), pretendendo manter a atenção dos(as) alunos(as), evitando que fiquem dispersos ou se sintam embaraçados quanto ao posicionamento crítico.

Referência do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=tYoTcWOaM10>.

MATERIAIS

Computador, data show, caixa de som e dicionário.

OBJETIVOS:

- ✓ Trazer para sala de aula materiais diversos, além do livro didático;
- ✓ Promover o posicionamento crítico;
- ✓ Desmistificar o preconceito racial embutido em termos pejorativo ligados ao cabelo crespo e/ou encaracolado.

AULA 3

Levantamento das aulas anteriores

Nesta terceira aula, colete as impressões obtidas pelos(as) alunos(as). Professor(a), aborde em seu discurso partes relevantes do vídeo e da primeira atividade proposta para que, assim se obtenha a consciência da falta de representatividade e, sobretudo, dos títulos pejorativos destinados à comunidade étnica negra como um reforço do preconceito racial tão velado em nosso país. Depois disso, repita o exercício de manuseio do dicionário, conforme posto na parte inicial do vídeo, através da procura do significado da palavra “pixaim”.

MATERIAIS:

Somente o dicionário.

OBJEIVOS:

- ✓ Fazer um levantamento do que os(as) alunos(as) compreenderam das atividades anteriores;
- ✓ Ensinar os alunos(as) a manusearem o dicionário.

Obs: Explicação do termo em anexo.

AULA 4

Leitura do conto “Pixaim, de Cristiane Sobral.

Como na aula anterior já foi introduzido o conceito atribuído à palavra “pixaim”, há suporte para inserir a leitura do conto da escritora brasileira Cristiane Sobral. Nesse momento, promova uma leitura feita pela turma em conjunto. Organize-os em pequenos grupos e fracione a participação na decodificação do texto literário. Como o conto é curto e é preciso que haja a participação de todos(as), recorte as passagens em pequenas partes e analise a desenvoltura dos(as) alunos(as) na leitura e entonação de voz no discurso direto e, sobretudo, indireto, pois este é predominante.

Obs: Conto em anexo.

MATERIAIS:

Impressões do conto

OBJETIVOS:

- ✓ Iniciar a leitura do conto “Pixaim” de Cristiane Sobral;
- ✓ Promover a interação entre a turma;
- ✓ Articular um momento prazeroso para a leitura.

AULA 5

Interpretação do texto literário trabalhado.

Esta aula equivale à etapa mais importante, pois é nesse momento que o(a) professor(a) identificará possíveis dificuldades de ligação do texto escrito com a contextualização desse conhecimento trazido através da leitura. Possivelmente, haverá alguns questionamentos acerca do desfecho, pois há uma abertura do encaminhamento final da personagem protagonista, sendo ela uma representação política. Sendo assim, atente-os(as) para a importância da presença negra na política também.

MATERIAIS:

Nesta aula não será preciso nenhum utensílios.

OBJETIVOS:

- ✓ Inserir a temática promovida pelas exigências da Lei 10.639/01 em sala de aula através do texto literário;
- ✓ Promover debate acerca do conto;
- ✓ Estimular a iniciativa de desconstrução do preconceito racial.

Obs: Biografia da Escritora Cristiane Sobral em anexo.

DICA: É importante que o(a) professor(a) fale brevemente acerca da escrita contemporânea, Cristiane Sobral, sendo esta uma artista engajada e de uma relevante produção em nosso país.

AULA 6

Aplicação de um questionário.

Como continuidade da sequência, reserve nessa sexta aula um tempo específico para passar um questionário que os(as) alunos(as) aplicarão em sua comunidade e/ou em seu âmbito familiar. Explique as intenções que nortearam essa atividade e mostre a importância do gênero como uma estrutura capaz de fundir a linguagem oral e escrita. O trabalho com a língua não exclui a possibilidade de abordar variadas questões temáticas, pelo contrário, é uma ferramenta crucial na participação e construção da sociedade.

MATERIAIS

Questionário em anexo.

OBJETIVOS:

- ✓ Desenvolver uma pesquisa de campo;
- ✓ A partir do questionário, saber o que motiva as pessoas entrevistadas a usarem o cabelo de determinado modo (natural, com procedimentos químicos ou em transição);
- ✓ Trabalhar a linguagem escrita e oral dos(as) alunos(as).

AULA 7

Coleta dos questionários.

Na sétima aula, peça para que os(as) alunos(as) apresentem os respectivos questionários as respostas adquiridas. Motive-os a dizer possíveis dificuldades e impressões obtidas do ambiente escola.

MATERIAIS:

Não será preciso nenhum utensílio

OBJETIVOS:

- ✓ Averiguar os dados levantados pelos(as) alunos(as) na aplicação do questionário;
- ✓ Desencadear uma discussão correlacionando o conto com os resultados obtidos no questionários;

Promover o posicionamento crítico.

DICA: Professor(a), organize os alunos em círculo e peça que cada um se coloque em face da turma na posição de um(a) palestrante. Esse exercício de posicionamento corporal é importante porque ajuda-o(a) a entender que os nossos movimentos revelam aspectos importantes da personalidade. A afirmação da linguagem corporal segura é fundamental para adesão do interlocutor, por isso, ajude-os(as) a desenvolver o espírito de autoconfiança e, até onde puder, de liderança.

AULA 8

Fechamento da sequência didática.

Como encerramento das atividades propostas nas aulas anteriores, reproduza o vídeo “Mc Soffia part. Gram & Pedro Angeli- Minha Rapunzel de Dread (Teaser)”, presente no canal da cantora Mc Soffia. Neste material há uma forte crítica a falta de representatividade negra no universo infantil, em especial, na literatura infanto-juvenil. A artista traz para o seu discurso a

desconstrução da princesa Rapunzel e propõe uma princesa real, a graciosa negra rastafári. Depois disso, peça que os(as) alunos(as) compartilhem suas experiências, enquanto pesquisadores, de modo a focar na temática explorada.

Referência do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=tYoTcWOaM10>.

MATERIAIS:

Computador, data show e caixa de som.

OBJETIVOS:

- ✓ Apresentar de forma lúdica a importância da representatividade negra;
- ✓ Fomentar nos(as) alunos(as) a postura de pesquisador aliado ao sendo crítico;
- ✓ Promover debates.

ANEXO

PIXAIM

Cristiane Sobral

Rio de Janeiro. Qualquer dia da semana num tempo que passa morno, sem novidades. Num bairro distante no subúrbio da zona oeste, uma criança negra de dez anos e pequenos olhos castanho-escuros meio embaçados pelo horizonte sem perspectivas é acusada injustamente. Em meio ao espanto, descobre que existem pessoas descontentes com a sua maneira de ser e decide lutar para manter intactas as suas raízes.

Os ataques começaram quando fui apresentada a uns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas. Pela primeira vez ouço a expressão cabelo “ruim”. Depois uma vizinha disse a minha mãe, que todos os dias lutava

para me pentear e me deixar bonitinha como as outras crianças, que tinha uma solução para amolecer a minha carapinha “dura”.

Pela primeira vez foram violentadas as minhas raízes, senti muita dor, e fiquei frágil, mas adquiri também uma estranha capacidade de regeneração e de ter idéias próprias. Eu sabia que não era igual às outras crianças. E que não podia ser tratada da mesma forma. Mas como dizer isso aos outros? Minha mãe me amava muito, é verdade, mas não percebia como lidar com as nossas diferenças.

Eu cresci muito rapidamente, e para satisfazer aos padrões estéticos não podia mais usar o cabelo redondinho do jeito que eu mais gostava, pois era só lavar e ele ficava todo fofinho, parecendo algodão. Uma amiga negra que eu tinha costumava amarrar uma toalha na cabeça, e andar pela casa, fingindo que tinha cabelo liso e dizia que o sonho dela era ter nascido branca. Eu achava estranho. Não percebia como alguém poderia ser algo além daquilo que é.

Minha mãe decidiu que o meu pixainho tinha que crescer e aparecer. Lembro do pente quente que se usava na época, para fazer o crespo ficar “bom”, e da marca do pente quente que tatuou meu ombro esquerdo, por resistir àquela imposta transformação. Era domingo, íamos todos a uma festa, e eu tinha que ficar bonita como as outras. No caminho, caiu uma chuva, dessas de verão, e em poucos minutos, houve o milagre, pois a água anulou o efeito do pente. Eu chorava porque achava que o meu cabelo nunca voltaria ao normal, e minha mãe ficou brava porque eu estava parecendo comigo, de um jeito nunca antes visto!

Por um tempo tive paz. Fazia o que bem entendia com meus fios, mas sabia que algo estava sendo preparado. A tal vizinha apareceu lá em casa dizendo que viajaria por uns dias, mas que quando voltasse traria um produto para dar jeito no meu rebelde. Lamentava o fato de que eu não era tão escurinha, mas tinha um bombrilzinho! Dormi com medo. Sonhei com uma família toda pretinha e com uma vó que me fizesse tranças como aquelas que eu vi numa revista, cheias de desenhos na cabeça, coisa que só

a minha carapinha permitia fazer... Mas minha não sabia nada dessas coisas.

O henê era um creme preto muito usado pelas negras no subúrbio do Rio de Janeiro, que alisava e tingia os crespos. A propaganda da embalagem mostrava uma foto de uma mulher negra sorridente com as melenas lisas. Só que o efeito do produto não era eterno, logo que crescesse um cabelinho novo, era necessário reaplicar o creme, dormir com bobies, fazer touca, e outras ações destinadas a converter o cabelo “ruim”, em “bom”. O produto era passado na cabeça bem quente e mole, mas quando esfriava endurecia. Uma hora depois, a cabeça era lavada com água fria em abundância até a sua total eliminação. Jamais esquecerei a minha primeira sessão de tortura. Era um bonito dia de sol e céu azuladíssimo.

Eu brincava no quintal distraída quando ouvi o chamado grave de minha mãe, já com a panela quente nas mãos, e pensei com pavor na foto da mulher com cabelo alisado. Nesse momento tive a certeza de que mamãe queria me embranquecer! Era a tentativa de extinção do meu valor! Chorei, tentei fugir e fui capturada e premiada com chibatadas de vara de marmelo nos braços. Fim da tentativa inútil de libertação. Sentei e deixei o henê escorrer pelo pescoço enquanto gelava por dentro, até sentir a lâmina fria da água gelada do tanque de concreto penetrando em meu couro cabeludo. Depois, já era tarde, minha mãe encheu minha cabeça de bobies.

Segui inerte. Chorei insone aprisionada pelos bobies amarrados na cabeça, sentindo uma imensa dor e o latejar dos grampos apertados. Dia seguinte. Minha mãe me chamou inesperadamente carinhosa e me colocou frente ao espelho. Pela primeira vez disse:
- Você está bonita! Pode brincar, mas não pule muito para não transpirar e encolher o cabelinho.

Eu olhei e não acreditei. Já tinha a expressão da mulher da caixa de henê. Chorei pela última vez e jurei que não choraria mais. Porque

era tão difícil me aceitar? Dei adeus aquilo que jamais consegui ser, me despedi silenciosamente da menina obediente, e comecei a me transformar.

Os vizinhos ficaram felizes com a confirmação da profecia. Diziam que preto não prestava mesmo. Todo mundo se sentia no direito de me dar uns tapas, para me corrigir, para o meu bem. Eu era tudo de péssimo, ingrata, desgosto da mãe, má, bruxa. Meus irmãos também colaboravam me chamando de feia, bombril, macaca. Era o fim. Eu já não resistia e comecei a acreditar no que diziam. Todos os dias eram tristes e eu tinha a certeza de que apesar do cabelo circunstancialmente “bom”, eu jamais seria branca. Foi aí que eu tive uma inesperada luz. Minha mãe queria me embranquecer para que eu sobrevivesse a cruel discriminação de ser o tempo todo rejeitada por ser diferente. Percebi subitamente que ela jamais pensara na dificuldade de ter uma criança negra, mesmo tento casado com um homem negro, porque que ela e meu pai tiveram três filhos mestiços que não demonstravam a menor necessidade de serem negros. Eu era a ovelha mais negra, rebelde por excelência, a mais escura e a que tinha o cabelo “pior”. Às vezes eu acreditava mesmo que o meu nome verdadeiro era pixaim.

O negro sempre foi para mim o desconhecido, a fantasia, o desejo. Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu, só meu. O meu cabelo era a carapaça das minhas idéias, o invólucro dos meus sonhos, a moldura dos meus pensamentos mais coloridos. Foi a partir do meu pixaim percebi todo um conjunto de posturas que apontavam para a necessidade que a sociedade tinha de me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e opção de vida.

Quinze anos depois, em Brasília, no coração do planalto central, é segunda-feira, dia de começos. Uma mulher madura de olhar doce e fértil vê sua imagem no espelho e ajeita com cuidado as tranças corridas, contemplando com satisfação a história escrita em seu rosto e a beleza que os pensamentos dignos conferem à sua expressão. É uma mulher livre, vencedora de muitas batalhas interiores, que se prepara para a vida lutando

para preservar a sua origem, pois sabe que é a única herança verdadeira que possui. Ela aprendeu e jamais esquecerá.

A gente só pode ser aquilo que é.

Referência: SOBRAL, Cristiane. Pixaim. Disponível em:

<https://cristianesobral.blogspot.com.br/2011/01/pixaim-conto-de-cristiane-sobral.html>

Significado do termo Pixaim

Diz-se de ou cabelo muito crespo; CARAPINHA

(Minidicionário Caldas Aulete, 2011, p. 681)

QUESTIONÁRIO

1. Você se considera negra(o)?
2. Utiliza ou já utilizou procedimentos químicos em seu cabelo?
3. Qual mulher ou homem você tem como padrão de beleza?
4. Qual a referência de beleza negra feminina que você tem?
5. Você considera ou já foi chamado de cabelo de Pixaim ? (em caso de ter deixado de usar chapinha)
6. O que motivou a sua mudança?

PROJETO PARA A SEMANA DA LEITURA

Literatura Negra Feminina, Escrivivências e (Re)existência:

AULA 01

TEMA: Visão Geral Literatura: conceitos e (pré)conceitos.

A aula será composta de uma roda de conversa inicial na qual os estudantes terão o primeiro contato com a temática do projeto, bem como poderão expor suas opiniões e experiências sobre/com o texto literário.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Promover o contato inicial dos estudantes com a proposta de ação através de uma conversa em roda e escuta sensível.

OJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Ouvir e discutir a ideia de literatura trazida pelos estudantes, promovendo reflexões;
- ✓ Desmistificar, inicialmente, a noção de uma literatura ligada somente ao universo escolar;
- ✓ Promover reflexões acerca do papel da/o negra/o, da mulher e da mulher negra na produção de conhecimento, mais especificamente como autoras e autores de textos literários.

RECURSOS NECESSÁRIOS

- ✓ Quadro branco;
- ✓ Pincel para quadro branco
- ✓ Papel
- ✓ Caneta
- ✓ Questionários impressos
- ✓ Computador
- ✓ Projetor

METODOLOGIA:

Inicialmente, será feito levantamento de conhecimentos prévios a partir de questões direcionadas oralmente: “O que vocês imaginam quando ouvem a palavra literatura?” “Levantem exemplos de textos que vocês consideram como literários.” Em seguida, a professora deverá distribuir um questionário (em anexo), no qual constarão perguntas que levarão o/a estudante a refletir sobre o texto literário, suas contribuições para o mundo e a presença de determinadas/os atrizes e atores sociais como produtores desse tipo de conhecimento. Como parte desse momento, a turma deverá listar, com registro da professora no quadro branco, todas as autoras e autores de textos da coletânea do livro didático adotado. Feito isso,

professora e estudantes deverão buscar, na internet, imagens das/os autores que não sejam conhecidos por eles, com o objetivo de descobrir e avaliar a presença de mulheres negras nesse rol de textos. A partir desses dados, devem ser suscitadas discussões, as quais versem sobre a provável incipiência de textos de autoras negras no livro didático e fora dele.

AULA 02

TEMA:Visão Geral Literatura negra feminina: estreitando contatos.

A aula será composta de uma roda de conversa inicial, como um balanço da aula anterior, com posterior apresentação de autoras negras e análise coletiva de textos de sua autoria.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Introduzir as/os estudantes a temáticas e a autoras de Literatura Negra Feminina e a experimentar uma relação menos utilitarista do texto literário.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Fazer um balanço da aula anterior, escutando os estudantes sobre o que pensaram a respeito das reflexões ali suscitadas;
- ✓ Apresentar autoras negras e textos de sua autoria;
- ✓ Perceber uma cosmogonia negra e feminina nos textos;
- ✓ Ler textos literários de maneira prazerosa e reflexiva.

RECURSOS NECESÁRIOS:

- ✓ Data show
- ✓ Computador
- ✓ Classificadores
- ✓ Poemas impressos

- ✓ Lona
- ✓ Tecidos

METODOLOGIA

Sentados em semicírculo, da maneira o mais confortável quanto possível, nos tecidos estendidos no chão, professora e estudantes terão uma conversa, ao abrir da aula, na qual se levantarão reflexões acerca da aula anterior: “O que vocês pensaram sobre o que aprenderam no último encontro?” “Pensemos juntos: de que maneira a situação que constatamos na última aula pode ser mudada?” Após esse momento inicial, a professora pede que três estudantes a se voluntariarem para declamar para a sala Pixaim elétrico, poema de Cristiane Sobral, Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo e Desensinamentos, de Jennifer Nascimento. Sobre esses poemas - que estarão expostos no Data show ao lado de imagens de suas respectivas autoras -também serão entregues, impressos, em um classificador que será alimentado por textos ao longo do projeto - se seguirá uma roda de conversa, analisando os pontos de aproximação dos três, em que medida a voz de uma mulher negra pode ser percebida naquele contexto, o que traz esses textos para um rol de literatura negra de autoria feminina, de que modo aqueles textos contribuiriam se estivessem no livro didático. Importa lembrar, aqui, que os objetivos são perceber que “através da escrita de mulheres negras, pode-se, pois, traçar construções socioculturais de gênero e de relações étnico-raciais, inventar mundos, amores e memórias com marcas de diversidades, histórias e repertórios culturais negros”, para usar as palavras da professora Ana Rita Santiago (2012) e apropriar-se da escrita literária, captando aspectos dos textos que os diferenciam de uma escrita não literária.

AULA 03

TEMA: Visão Geral Mulheres negras escritoras: um passeio com Conceição Evaristo.

A aula será composta de uma apresentação sobre Conceição Evaristo e do livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

OBJETIVO GERAL

- ✓ (Re)conhecer temáticas e autoras de Literatura Negra Feminina, construir a ideia da existência de um cânone negro e experimentar uma relação menos utilitarista do texto literário.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Conhecer uma representante do cânone da Literatura Negra Feminina;
- ✓ Perceber um universo negro e feminino no texto de Conceição Evaristo;
- ✓ Conhecer e compreender o conceito de escrevivência;
- ✓ Ler textos literários de maneira prazerosa e reflexiva.

RECURSOS NECESSÁRIOS

- ✓ Data show
- ✓ Computador
- ✓ Livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*
- ✓ Cadernos
- ✓ Lona

Tecidos

METODOLOGIA

De início, a(o) professora(o) entregará a cada estudante um caderno, no qual serão feitas anotações acerca do que aprenderem naquele dia e ao longo do projeto, como um diário de bordo, onde se registrarão impressões das aulas, do que se aprendeu, dúvidas a serem sanadas no encontro seguinte. Seguindo a aula, sentados em semicírculo, da maneira o mais confortável quanto possível, nos tecidos estendidos no chão, os estudantes assistirão a uma apresentação sobre vida e obra da escritora Conceição Evaristo, o que será precedido do levantamento de conhecimentos prévios:

“Vocês já ouviram falar de Conceição Evaristo, de algum livro dela?” “E da Academia Brasileira de Letras? E do prêmio Jabuti?” Passados os slides com vida e obra da autora, segue-se a reflexões que envolvam a maneira como sua vivência se manifesta em sua escrita (conceito de escrevivência), bem como tecendo reflexões sobre a negativa da entrada de Evaristo na ABL, apesar do reconhecimento da sua grandeza literária com o Jabuti. É interessante que a palavra escrevivências seja escrita no quadro para se fazer perceber as palavras escrever, viver, vivência, entre outras percebidas pela turma, a fim de que se perceba a ideia carregada pela palavra e, então, mais adiante, por que a literatura que estudaremos é feita por escrevíveis. Segue-se a esse momento, a apresentação do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*: a capa estará digitalizada, no Data show, enquanto exemplares do livro percorrem a sala, para que se possa tocar, abrir, investigar mesmo. Nesse contexto, perguntas serão lançadas: “Vocês sabem o que significa a palavra insubmissas?” “Por que será que esse é o título do livro?” “Pelo que perceberam, ao conhecer a parte interna do livro, por que será que as lágrimas insubmissas, às quais a autora se refere, são de mulheres?” “Pelo que conhecemos, até aqui, da autora, podemos imaginar, de alguma forma, como seriam essas mulheres-título?” Então, a professora, como mediadora do processo, lerá para a classe um conto do livro - que estará disposto para o acompanhamento digitalizado e exposto em Data show. Esse momento deverá funcionar como um espaço de contação de histórias, em que os estudantes possam apreciar a narrativa e perceber a estética das palavras, ao mesmo tempo em que percebem a presença de um ponto de vista negro e feminino, aspectos a serem discutidos ao final da leitura.

AULA 04

TEMA: Apresentando nossas insubmissas

A aula consistirá do compartilhamento de cada um dos contos.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Compartilhar o que foi aprendido, em uma perspectiva de entendimento global do texto e da obra.

RECURSOS NECESSÁRIOS:

- ✓ Cópia de contos do livro Insubmissa lágrimas de mulheres
- ✓ Piloto
- ✓ Cadernos
- ✓ Projetor
- ✓ Computador

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Conhecer outros textos do mesmo livro, entendendo sua história;
- ✓ Perceber a qualidade literária da narrativa de Conceição Evaristo;
- ✓ Trabalhar a oralidade;
- ✓ Compreender o texto a partir da articulação entre as funções;
- ✓ Perceber-se parte integrante de uma comunidade de leitores.

METODOLOGIA

Professora abre o dia com a leitura de um conto do livro ainda não visto pela turma ou algum outro texto da mesma autora. Após breve discussão, por ordem do sorteio feito em aula anterior, as equipes terão 20 minutos para apresentar aos demais colegas os textos lidos. Podendo munir-se das cópias que têm em mãos e dos seus cadernos-diário, cada grupo deverá dividir com a turma a história lida por ele. Mediando o processo, a professora deverá trazer perguntas à equipe pelas quais sejam evidenciadas questões que digam respeito à qualidade literária do texto (narrativa empolgante, personagens interessantes, construção de mistérios, etc.), bem como ao componente racial, um ponto de vista feminino e negro que atravessa a vida da mulher-personagem. Após a última apresentação, a professora deverá propor uma roda na qual seja feita uma análise das apresentações, mas, sobretudo, que se perceba como foi feita a leitura do

livro na íntegra a partir da leitura e também pelo olhar de outras equipes, o que torna a turma uma comunidade de leitores. Deve-se estimular a pensar de que maneira as histórias, embora possam ser lidas separadamente, estão unidas: “o que une essas mulheres?”, “seus nomes têm alguma relação com suas histórias?”, “o que as faz únicas em seus relatos?”. Deve ser estimulada, também, a percepção da forma como a o conto foi construído, como/se a narrativa os prendeu, o que mais chamou a atenção na maneira como a autora contou as histórias.

AULA 05

TEMA: Novas autoras

A aula consistirá em roda da conversa e levantamento de autoras negras.

RECURSOS NECESSÁRIOS:

- ✓ Projetor
- ✓ Computador com acesso à internet
- ✓ Pincel atômico
- ✓ Quadro branco
- ✓ Cadernos

OBJETIVO GERAL:

- ✓ Conhecer autoras negras brasileiras e suas produções literárias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Estreitar uma produção literária de qualidade feita por mulheres negras;
- ✓ Perceber o racismo como componente da exclusão de escritoras negras no mercado editorial.

METODOLOGIA:

Em semicírculo, as/os estudantes serão convidadas/os) a compartilhar as impressões do bloco anterior, a partir do contato com uma

literatura até então pouco ou nada conhecida por elas/eles. A professora deverá reforçar a ideia de que a autora por eles estudada, Conceição Evaristo, tem sido fonte de inspiração e modelo para que outras mulheres negras que escrevem se sintam encorajadas a publicar seus escritos, a reconhecer que são, sim, produtoras de conteúdo de qualidade, diferentemente do que se está habituado a pensar, dada a questão racial, que tenta silenciar e subalternizar as mulheres negras e sua produção. É interessante perguntar se, no intervalo entre um bloco e outro do projeto, interessaram-se em procurar outros textos, além dos que tínhamos lido, de autoria de Conceição Evaristo ou de alguma outra autora negra. A discussão será seguida de pesquisa coletiva por escritoras negras. No computador, em tela projetada no quadro, professoras e estudantes acessarão sites como o Catálogo de escritoras, e o Literafro, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, (re)conhecendo mulheres negras escritoras, desfazendo a ideia de que a publicação de um livro não é exatamente o que faz dessas mulheres escritoras, mas, ao mesmo tempo, refletindo sobre como as negativas do mercado editorial funcionam como uma invisibilização dessa escrita. As impressões, ideias e sugestões deverão ser registradas no caderno-diário. Ao final da aula, a professora pedirá que as equipes (as mesmas do trabalho com *Insubmissas lágrimas de mulheres*) escolham uma das autoras vistas no dia para trabalharem nesta etapa do projeto.

POESIAS DE AUTORAS NEGRAS

Vozes Mulheres

(Conceição Evaristo)

A voz da minha vó

ecoou criança
nos porões do navio.

Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Referência: Evaristo, Conceição. Poemas de recordação e outros movimentos- Rio de Janeiro: Malé, 2017. 124 p.

CRIAR ASAS

Chorar não dá mais tempo
Salmoura do mar
Cicatrizaram feridas
Os corpos espalhados pelo Atlântico
Criam asas
Criaram asas
O vento elevou as asas
Juntam-se várias pétalas
Espalham semente de nós
Fertilizadas na existência
A memória no azul
Memorial azul
A chuva rega sonhos
Chorar não dá mais tempo

As sementes se espalham

Fortalecidas pela terra

Mãe da vida

Filhos paridos no solo

No solo

Consolo da esperança

A sonoridade espalha

Espanta o desalento

O alento se faz

Futuro e canções

Presente, passado, futuro

(Mirian Alves)

Referência: ruidomanifesto.org/tres-poemas-de-miriam-alves

SINA

Todo mês eu sangro.

Diversa de mim,

atravesso águas brutas,

oceanos que me povoam bravios.

Expulso o que em mim excede

e, do que sobra,

pulsando nas sendas de meu ventre.

Quando sangro,

o animal onde moro troca de pele

por dentro,

expurgando entranha.

Todo mês eu sangro

Todo mês eu singro este mar,

em que me banho.

(Livia Natália)

Referência: <https://elmirdad.blogspot.com/2015/12/cinco-poemas-e-tres-passagens-de-livia.html>

PIXAIM ELÉTRICO

Naquele dia

Meu pixaim elétrico gritava alto

Provocava sem alisar ninguém.

Meu cabelo estava cheio de si

Naquele dia

Preparei a carapinha para enfrentar
a monotonia da paisagem da estrada

Soltei os grampos e segui

de cara pro vento, bem desaforada...

Sem esconder volumes nem negar raízes.

Pura filosofia

Meu cabelo escuro, crespo, alto e grave...

Quase um caso de polícia

Em meio à pasmaceira da cidade

Incomodou identidades e pariu novas cabeças

Abaixo a demagogia

Soltei as amarras e recusei qualquer relaxante

Assumi as minhas raízes

Ainda que brincasse com alguns matizes

Confrontando o meu pixaim elétrico

Com as cores pálidas do dia.

Referência: <https://amaitepoesias.blogspot.com/2019/06/9-poemas-de-cristiane-sobral.html>.

MODELO DE PLANO DE AULA PARA TRABALHAR POESIAS NEGRAS

OBJETIVO

- ✓ Compreender a produção dos artistas afro-brasileiros, reconhecendo a poesia como expressão do pensamento cidadão.

1º Momento

Leitura (pode ser feito por um aluno)

Reflexão da temática

(fazer perguntas para a turma sobre a mensagem que o autor quis passar)

2º Momento

Reescrever a poesia, parafraseando-a de acordo com o entendimento de cada um. Sugerir revisão do contexto histórico da cultura africana e afro-brasileira, utilizando o Almanaque na biblioteca e distribuir por equipe.

3º Momento

Apresentação das poesias produzidas e exposição no mural da sala

OBS: As poesias podem ser encontradas na internet.

SUGESTÕES DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS

1. **Filme:** Macunaíma

Gênero: Comédia

Ano: 1969

Direção: Joaquim Pedro de Andrade

Duração: 108 minutos

2. **Filme:** Chica da Silva

Gênero: Comédia

Ano: 1976

Direção: Cacá Diegues

Duração: 117 minutos

3. **Filme:** Vista a minha pele

Gênero: Nacional

Ano: 2008

Direção: Joel Zito Araújo

Duração: 27 minutos

4. **Filme:** O ódio que você semeia

Gênero: Nacional

Ano: 2018

Direção: George Tillman Jr

Documentário: Maya Na gelou, e ainda resisto

Documentário: Das raízes às pontas

Curta metragem: O dia de Gerusa

Curta metragem: Cores e botas.

CURIOSIDADES SOBRE ALGUMAS ESCRITORAS NEGRAS:

Conceição Evaristo:



Conceição Evaristo **nasceu em 29 de novembro de 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte**, em Minas Gerais. Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro. **Fez graduação em Letras**, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), **mestrado** em Literatura Brasileira, na PUC Rio, e **doutorado** em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Em 1958, ao terminar o primário, segundo Conceição Evaristo, ela ganhou seu **primeiro prêmio de literatura**, pois venceu o concurso de redação da escola. O título de seu texto premiado: *Por que me orgulho de ser brasileira*. Aos 17 anos, **aderiu ao movimento da Juventude Operária Católica** (JOC), que promovia reflexões sobre a realidade brasileira. Após terminar o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, em 1971, ela **decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro**. A partir daí, as reflexões sobre questões étnicas passaram a ser mais constantes na vida da escritora.

Seus **primeiros contos e poemas** foram publicados na série *Cadernos negros* | 1 |, e seu primeiro e **mais famoso romance**, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado, pela primeira vez, em 2003. Em 2016, ganhou o **Prêmio Faz Diferença**, na categoria prosa, do jornal *O Globo*. Já em 2018, ganhou o **Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais**, pelo conjunto da

obra. Em 2019, ganhou o **Prêmio Jabuti**, na categoria Personalidade Literária do Ano.

Principais obras de Conceição Evaristo

Até o momento, Conceição Evaristo publicou, além de inúmeros textos acadêmicos, as seguintes **obras literárias**:

- Ponciá Vicêncio (2003) - romance
- Becos da memória (2006) - romance
- Poemas de recordação e outros movimentos (2008) - poesia
- Insubmissas lágrimas de mulheres (2011) - contos
- Olhos d'água (2014) - contos
- Histórias de leves enganos e parecenças (2016) - contos e novela
- Canção para ninar menino grande (2018) - romance
- **Ponciá Vicêncio.**

Mel Adum



Mel Adum nasceu em Washington-DC e reside em Salvador. Escritora, pesquisadora e assessora de imprensa e comunicação do Coletivo Ogum's Toques.

Iniciou a carreira literária em 2007, realizando escritos nas vertentes de romances, contos e poesias. Os seus textos trazem uma forte presença do lugar feminino e, especialmente, do feminino negro.

Publicou em 2015 o livro infantil A lua cheia de vento (ed. Ogum's Toques) e participou em 2014 da Coletânea Ogum's Toques Negros (ed.

Ogums Toques). Na antologia Cadernos Negros colaborou nos números 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37; e 30 anos – Melhores Poemas.

Entre outros trabalhos, realizou direção e argumento do documentário Zamani – mulheres que transformam a história (2005), a WebTV Tobossis Virando a Mesa, talkshow sobre temas gerais sempre relacionados a questão de gênero e raça (2008/2009), fotografia e entrevista para o documentário O primeiro beijo de Urânia Munzanzu (2011/2012) e o Encontro com escritorxs negrxs, da Ogum's Toques dx Escritor(a) em 2013, 2014 e 2015.

Os seus próximos projetos são a publicação de livros da série Contos de Mel, cujo primeira publicação foi A lua cheia de vento. Mel Adún tem livros infantis prontos e está trabalhando em outros para o público adulto.

Miriam Alves - poeta e prosadora



Miriam Alves poeta, dramaturga e prosadora, nascida em São Paulo, em 1952. Publicou os livros de poemas 'Momentos de busca' (1983), 'Estrelas nos dedos' (1985), a peça 'Terramara' (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios 'Brasilafro autorrevelado' (2010), a coletânea de contos 'Mulher Mat(r)iz' (2011) e o romance 'Bará na trilha do vento' (2015). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989, e foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de

Português de Middelbury College em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afrobrasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publica poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como *Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement* (Estados Unidos), *Moving beyond boundaries: International dimension of Black women's writing* (Inglaterra) e *Schwarze poesia: Poesia Negra* (Alemanha).

OBRA DE MIRIAM ALVES

Poesia

Momentos de busca. São Paulo: Quilombhoje | Edição do autor, 1982.

Estrelas no dedo. São Paulo: Quilombhoje | Edição do autor, 1985.

Conto

Mulher mat(r)iz. São Paulo: Edição do autor, 2011.

Romance

Bará na trilha do vento. São Paulo: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

Teatro

Terramara (peça teatral).. [Miriam Alves, Arnaldo Xavier, e Cuti (Luiz Silva)]. São Paulo: Edições dos Autores, 1988.

Ensaio

Brasilafro Autorrevelado. Literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2011.

Cristiane Sobral



Cristiane Sobral nasceu na zona oeste do Rio de Janeiro, no bairro Coqueiros, em 1974 e hoje mora em Brasília. Entre 1989 e 1998, teve como prioridade sua formação profissional. Iniciou as atividades artísticas em 1989, no Rio de Janeiro, em um curso de teatro do SESC, encerrado com o espetáculo “Cenas do Cotidiano”. Um ano depois chega a Brasília e começa a atuar em grupos de teatro no ambiente estudantil e monta a peça “Acorda Brasil”. Aos dezesseis anos ingressa no Ensino Superior, e torna-se a primeira atriz negra a se formar em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília.

A partir de 1999, a autora iniciou sua nova fase, dedicando-se à atuação profissional, envolvendo-se com temas sociais. Destaca-se sua atuação no curta metragem “A dança da Espera”, de André Luís Nascimento; no vídeo “A carreira e formação do diplomata”, de André Luís da Cunha, e ainda, a apresentação do Programa televisivo do PT para o GDF. Atuou também na peça “Machadianas Cenas Cariocas”, dirigida por Ginaldo de Souza em 2001. Protagonizou e concebeu os espetáculos: “Uma Boneca no Lixo”, premiado em 1999 pelo Governo do Distrito Federal e dirigido por Hugo Rodas; “Dra. Sida”, premiada pelo Ministério da Saúde em 2000 e no I, II e III Ciclo de Dramaturgia Negra realizado em Brasília e Porto Alegre.

A partir de 2000, Sobral inicia sua participação na publicação coletiva *Cadernos Negros*, a partir do volume 23. Em 2005, integra a publicação *O negro em versos*; em 2008, está presente em mais duas antologias: *Cadernos Negros, três décadas: ensaios, poemas, contos*;

e *Cadernos Negros “Black Notebooks”*, edição bilingue com volumes em prosa e poesia editados nos Estados Unidos. A seguir, participa da antologia crítica *Literatura e afrodescendência no Brasil* (2011), ao lado de 99 outras autoras e autores negros brasileiros dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Por fim, em 2018, integra a coletânea *Encontros com a poesia do mundo*.

PUBLICAÇÕES

Obra individual

Uma boneca no lixo. Prêmio de montagem GDF em 1998. (Dramaturgia).

Dra. Sida: Prêmio do Ministério da Saúde em 2000. (Dramaturgia).

Não vou mais lavar os pratos. Brasília: Editora Thesaurus, 2010, col. Oi Poema. (Poesia).

Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção. Brasília: Dulcina Editora, 2011. (Contos).

Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz. Brasília: Editora Teixeira, 2014. (Poesia).

O tapete voador. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016. (Contos).

Terra negra. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017. (Poesia).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AULETE. C Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

AZEVICHE, Olhos de: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira contos e crônicas/ Ana Paula Lisboa...[et al]- Rio de Janeiro: Male, 2017.

Cadernos Negros 34. Organização de Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2011.

CANDIDO, Antonio. O direito a literatura. In _ Vários escritos. 3ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 171-193.

COSSON, Rildo Letramento literário: teoria e prática. 2ª Ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004, p. 17. 34 Idem, p.18 e p.21.35 Idem, pp. 21-22.

Evaristo, Conceição. Poemas de Recordação e outros movimentos. – Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: Nadilza Martins de Barros Moreira; Eliane Schneider. (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. 1ª ed., João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005, v. 1, p. 201-212.

Evaristo, Conceição. Insubmissas Lágrimas de mulheres – 2 ed. – Rio de Janeiro: Malê, 2016. 142 p;

Evaristo, Conceição. Olhos d`água- 1. Ed- Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

Livia Natália "OriAsê" InÁgua Negra EPP, Salvador, 2011 Concurso Literário do Banco Capital 2011 "Sometimes", "Esquecimentos", "O caso do

vestido", "OrisaDidê"

Blog Outras Águas, da autora Alejandra Pizarnik, "La carencia", in Poesia Completa (1955-1972), Lumen, Barcelona, 2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Negritude, cinema e educação: caminhos para implementação da Lei 10.639/2003/ organizado por Edileuza Penha de Souza; 2ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. 2ª Ed. ver. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade 2006.

Organização e apresentação de Luis Carlos dos Santos, Maria Galas e Ulisses Tavares. São Paulo: Moderna, 2005 Antologia da Poesia Negra Brasileira.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 2011.

Poemas extraídos das obras, "Dia bonito pra chover". (Lívia Natália) "Insubmissas Lágrimas de Mulheres" (Conceição Evaristo), Cadernos Negros 3.

RELATO de atividades sobre a educação das relações étnico-raciais e ensino de História, desenvolvidas na Escola Estadual Antonio Garcia Filho, 2005. [Alunos: MSLS, ICS, CCC].

FONTES:

<http://www.mulheresnegras.org/nilma.html>

www.mundonegro.com.br

<https://www.youtube.com/watch?v=tYoTcWOaM10>.

<https://amaitepoesias.blogspot.com/2019/06/9-poemas-de-cristiane-sobral.html>

ruidomanifesto.org/tres-poemas-de-miriam-alves

LOPES, Ana Lída. Ana Lída Lopes. Cabelo crespo não é cabelo ruim. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tYoTcWOaM10>. acesso em: 08 fev. 2017.

SOBRAL, Cristiane. Pixaim. Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com.br/2011/01/pixaim-conto-de-cristiane-sobral.html>>

SOFFIA. Mc Soffia Vevo: Minha Rapunzel em Dread. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3ut5RVtO3H4>>: Acesso em 08 out. 2016